

Novidades nos serviços públicos

In a Swiftian mood

Pessoas dignas de crédito observaram que o autor destas informações conhece de forma quase doentia o sistema de transportes subterrâneos da cidade de Paris, e que sua tendência a voltar ao assunto revela resquícios no mínimo inquietantes. No entanto, como silenciar as notícias sobre um restaurante que circula no metrô e provoca comentários contraditórios nos mais diversos meios? Nenhuma publicidade exagerada o tornou conhecido entre a possível clientela; as autoridades guardam um silêncio talvez incômodo, e só a lenta mancha de óleo da *vox populi* abre passagem a tantos metros de profundidade. Não é possível que tal inovação se limite ao perímetro privilegiado de uma urbe que julga que tudo lhe é permitido; é justo e até necessário que o México, a Suécia, Uganda e a Argentina conheçam *inter alia* uma experiência que vai muito além da gastronomia.

A ideia deve ter partido do Maxim's, já que esse tem-
plo da boia recebeu a concessão do vagão-restaurante,
inaugurado praticamente em silêncio em meados do
ano em curso. A decoração e o equipamento pare-
cem repetir sem especial imaginação a atmosfera de
qualquer restaurante ferroviário, só que neste se come
infinitamente melhor embora a um preço também in-
finitamente, detalhe que já é suficiente para selecionar
a clientela. Não falta quem se pergunte com perple-
xidade a razão de promover um empreendimento tão
refinado no contexto de um meio de transporte um
tanto vulgar como o metrô; outros, entre os quais se
conta este autor, guardam o silêncio deploratório que
tal pergunta merece, porque obviamente nela já está
contida a resposta. Nestes cumes da civilização oci-
dental pouco pode interessar hoje em dia a passagem
monótona de um Rolls-Royce para um restaurante de
luxo, entre galões e reverências, ao passo que é fácil
imaginar a delícia estremeceadora que significa descer as
escadas sujas do metrô e meter o bilhete no orifício do
mecanismo que permitirá o acesso a plataformas inva-
didas pelo número, o suor e a exaustão das multidões
que saem de fábricas e escritórios para voltar às suas
casas e esperar, entre boinas, gorros e casaquinhos de
qualidade duvidosa, a chegada do trem em que apare-
ça um vagão que os viajantes comuns só poderão ver
durante o breve instante da parada. O deleite, aliás,
vai muito além dessa primeira e insólita experiência,
como se explicará em seguida.

os viajantes comuns só poderão
ver durante a parada de

A ideia motriz de tão brilhante iniciativa tem antecedentes ao longo da história, das duvidosas expedições de Messalina* a Suburra* até os hipócritas* passeios de Harun al-Raschid* pelas vielas de Bagdá,* sem falar do gosto inato de toda autêntica aristocracia por contatos clandestinos com a pior ralé e a canção norte-americana *Let's go slumming**. Forçada por sua* condição a circular em carros particulares, aviões e trens de luxo, a grande burguesia parisiense finalmente descobre uma coisa que até agora consistia sobretudo em escadas que se perdem na profundidade e que só se empreendem em raras ocasiões e com acentuada repugnância. Numa época em que os operários franceses tendem a renunciar às reivindicações que tanta fama lhes deram na história do nosso século, contanto que possam pôr as mãos no volante de um carro próprio e se instalar em frente à tela de uma televisão nas suas escassas horas livres, quem pode se escandalizar com o fato de que a burguesia endinheirada vire as costas para coisas que ameaçam tornar-se comuns e procure, com uma ironia que seus intelectuais não deixarão de assinalar, um terreno que aparentemente proporciona a máxima proximidade com o proletariado e ao mesmo tempo o distancia muito mais que na vulgar superfície urbana? Nem é preciso dizer que os concessionários do restaurante e a própria clientela seriam os primeiros a negar indignados um propósito que de alguma forma pudesse parecer irônico; afinal de contas, basta reunir o dinheiro necessário para entrar no restaurante

e ser servido como qualquer cliente, e todos sabem que muitos dos mendigos que dormem nos bancos do metrô têm fortunas imensas, igualzinho aos ciganos e os dirigentes de esquerda.

A administração do restaurante aceita, naturalmente, tais retificações, mas nem por isso deixou de tomar as medidas que sua refinada clientela tacitamente exige, já que o dinheiro não é a única senha num lugar baseado na decência, nas boas maneiras e no uso imprescindível de desodorantes. Podemos até afirmar que tal seleção forçosa é o problema essencial dos responsáveis pelo restaurante, e que não foi simples encontrar uma solução ao mesmo tempo natural e estrita. Sabemos que as plataformas do metrô são comuns a todos, e que entre os vagões de segunda e o de primeira classe não existe discriminação importante, a tal ponto que os fiscais frequentemente se descuidam da vigilância e nas horas de pico o vagão de primeira fica lotado sem que ninguém pense em discutir se os passageiros têm ou não direito de estar ali. Por conseguinte, transladar os clientes do restaurante de maneira que tenham um fácil acesso apresenta dificuldades que até agora parecem ter sido superadas, embora os responsáveis quase nunca escondam a preocupação que os domina no momento em que o trem para em cada estação. O método, em linhas gerais, consiste em manter as portas fechadas enquanto o público sobe e desce dos vagões comuns, e abri-las quando faltam alguns segundos para a partida; para tal fim, o vagão-restaurante tem um aviso sonoro

especial que indica o momento de abrir as portas para a entrada ou a saída dos comensais. Essa operação deve ser realizada sem obstruções de nenhuma espécie, razão pela qual os guardas do restaurante atuam em sincronia com os da estação, formando em poucos instantes uma fila dupla que enquadra os clientes e ao mesmo tempo impede que algum intruso, um turista inocente ou um malvado provocador político consiga introduzir-se no vagão-restaurante.

Como é natural, graças à divulgação privada do estabelecimento, os clientes estão informados de que deverão esperar o trem num setor preciso da plataforma, setor que muda a cada quinze dias para despistar os passageiros comuns, e que tem como código secreto um dos cartazes de propaganda de queijo, detergente ou água mineral fixados nas paredes da plataforma. Embora o sistema seja caro, a administração preferiu informar essas alterações por meio de um boletim confidencial em vez de colocar uma seta ou outra indicação precisa no lugar necessário, já que muitos jovens desempregados ou os vagabundos que usam o metrô como hotel não demorariam a se concentrar ali, nem que fosse apenas para admirar de perto a brilhante cenografia do vagão-restaurante que, sem dúvida, despertaria seus mais baixos apetites.

O boletim informativo contém outras indicações igualmente necessárias para a clientela: de fato, é preciso que ela conheça a linha pela qual o restaurante vai circular nas horas do almoço e do jantar, e que

essa linha mude cotidianamente a fim de multiplicar as experiências agradáveis dos comensais. Existe assim um calendário definido, que acompanha a indicação das especialidades que o cozinheiro-chefe propõe em cada quinzena, e embora a troca diária de linha multiplique as dificuldades da administração em matéria de embarque e desembarque, também evita que a atenção dos passageiros comuns se concentre talvez perigosamente nos dois períodos gastronômicos da jornada. Ninguém que não tenha recebido o boletim pode saber se o restaurante vai percorrer as estações que vão da Mairie de Montreuil à Porte de Sèvres, ou se o fará na linha que une o Château de Vincennes à Porte de Neuilly; o prazer que significa para a clientela visitar diversos trechos da rede do metrô e apreciar as diferenças nem sempre inexistentes entre as estações se soma a um importante elemento de segurança diante das imprevisíveis reações que poderia provocar uma reiteração diária do vagão-restaurante em estações onde se dá uma reiteração parecida de passageiros.

As pessoas que comeram ao longo de qualquer dos itinerários coincidem em afirmar que o prazer de uma mesa refinada se soma a uma agradável e às vezes útil experiência sociológica. Instalados de maneira a gozar de uma vista direta pelas janelas que dão para a plataforma, os clientes têm a oportunidade de presenciar, em múltiplas formas, densidades e ritmos, o espetáculo de um povo laborioso que se encaminha para suas ocupações ou que ao final da jornada se prepara para um

bem merecido descanso, muitas vezes dormindo em pé e antecipadamente nas plataformas. Para favorecer a espontaneidade dessas observações, os boletins da administração recomendam à clientela não concentrar excessivamente o olhar nas plataformas, pois é preferível que só o façam entre uma mordida e outra ou nos intervalos de suas conversas; é evidente que um excesso de curiosidade científica poderia provocar alguma reação intempestiva e certamente injusta por parte de pessoas pouco versadas culturalmente para compreender a invejável amplidão mental das democracias modernas. Convém evitar particularmente um exame ocular prolongado quando predominam na plataforma grupos de operários ou estudantes; a observação pode ser feita sem risco no caso de pessoas que por sua idade ou sua indumentária revelam um grau mais elevado de relação possível com os comensais, e chegam até a cumprimentá-los e mostrar que sua presença no trem é um motivo de orgulho nacional ou um sintoma positivo de progresso.

Nas últimas semanas, quando a informação pública desse novo serviço chegou a quase todos os setores urbanos, nota-se uma presença maior de forças policiais nas estações visitadas pelo vagão-restaurant, o que prova o interesse dos organismos oficiais pela manutenção de tão interessante inovação. A polícia mostra-se particularmente ativa no momento do desembarque dos comensais, sobretudo quando se trata de pessoas isoladas ou de casais; nesse caso, uma vez ultrapassada

a dupla linha de orientação traçada pelos funcionários do metrô e do restaurante, um número variável de policiais armados acompanha gentilmente os clientes até a saída do metrô, onde geralmente há um automóvel à sua espera porque a clientela tem o bom cuidado de organizar detalhadamente suas agradáveis excursões gastronômicas. Tais precauções são muito compreensíveis; num tempo em que a violência mais irresponsável e injustificada transforma o metrô de Nova York e, às vezes, o de Paris numa selva, a prudente previsão das autoridades merece todos os elogios não só dos clientes do restaurante mas dos passageiros em geral, que sem dúvida agradecerão por não serem arrastados por manobras suspeitas de provocadores ou de doentes mentais, quase sempre socialistas ou comunistas, quando não anarquistas, e a lista continua e é mais comprida que esperança de pobre.